

CENAS DO COTIDIANO EM DISCUSSÃO NA ESCOLA: COMO AGIR DIANTE DELAS?

Maria Teresa Ceron Trevisol (UNOESC)

mariateresa.trevisol@unoesc.edu.br

Letycia Cristina Toigo (UNOESC)

Conflitos interpessoais na instituição educativa: fatores, complexidade, diversidade e manifestações como indisciplina, bullying, violência ou incivilidade

Buscamos com esse texto analisar como profissionais que atuam na educação infantil se posicionariam diante de uma situação-problema representativa do cotidiano escolar, envolvendo a dimensão dos valores e da moral. A base empírica desse artigo é uma investigação realizada em 2009, que contou com uma amostra composta por 15 professoras que atuam na educação infantil e atendem crianças/alunos entre três e cinco anos. Como procedimento de coleta de dados utilizamos uma entrevista, com um roteiro de questões semi-estruturado. Como procedimento de análise dos dados utilizamos a análise do conteúdo das respostas desses sujeitos. A partir da análise realizada verificamos que os professores participantes desse estudo se posicionaram diante da situação-problema apresentada utilizando diferentes formas de encaminhamento. Quando solicitado como procederiam diante daquela situação, encontramos muitas posturas que se assemelham ao modelo de organização da sala de aula e de perfil/ postura do professor apresentado por De Vries e Zan (1998), a saber: modelo de organização de sala de aula: campo de treinamento - perfil de professor sargento/instrutor; modelo fábrica – perfil gerente; modelo comunidade - perfil monitor. Não há receitas prontas e totalmente eficientes de como educar e agir moralmente. Entretanto, à medida que nos autorizamos, enquanto professores a planejar, intervir, avaliar as atividades desenvolvidas e os encaminhamentos que adotamos em relação a situações do cotidiano, construindo nossa prática por meio do conhecimento e reflexão do que fizemos, maiores são as condições de alcançarmos êxito em nossas tentativas.

Palavras-chave: professores da educação infantil; cenas do cotidiano; construção de valores sociais e morais; escola.

INTRODUÇÃO

No Brasil da última década, a exemplo de alguns outros países, uma vigorosa preocupação com uma educação em valores (às vezes sob a

denominação de “educação para a cidadania”, outras vezes sob o de “educação moral”) tem despontado como fonte de inspiração para uma vasta gama de iniciativas, seja na esfera da produção acadêmica, seja no âmbito das práticas pedagógicas, ou ainda no terreno das políticas públicas (AQUINO; ARAÚJO, 2001). De um modo ou de outro, o que parece chamar atenção tanto dos teóricos quanto dos protagonistas escolares é a dimensão propriamente atitudinal do trabalho educativo junto às novas gerações - o que, de certo modo, continua sendo uma incumbência escolar cujos limites e possibilidades permanecem em aberto. Há uma expectativa da atuação da escola e de seus profissionais com relação à dimensão do aprendizado da moral e dos valores dos alunos.

Entendemos que a escola, consciente de seu papel formativo e instrutivo, não pode trabalhar com qualquer valor. Se almejar a educação para a cidadania, sua responsabilidade encontra-se em propiciar a oportunidade para que seus alunos e alunas interajam reflexivamente e na vivência de valores e virtudes como a justiça, o altruísmo, a cidadania e a busca virtuosa da felicidade. Essa interação, no entanto, deve ser prazerosa, para que seja alvo das projeções afetivas dos sujeitos. Caso contrário, o valor trabalhado poderá não se constituir como valor para eles. O que queremos dizer é que trabalhar valores de forma tradicional, não permitirá sua construção.

Inspirando-nos nas idéias de Piaget (1954), definimos os valores como trocas afetivas que o sujeito realiza com o exterior. Surgem da projeção dos sentimentos sobre objetos, pessoas e/ou relações. Desde o momento em que nascemos, por meio da realização de trocas interpessoais, da intelectualização dos sentimentos, e dos julgamentos de valor que vamos realizando, os valores vão sendo cognitivamente organizados. Dessa maneira, cada um de nós constrói seu próprio sistema de valores, que se integra à nossa identidade. Nesse sistema que cada um constrói, alguns valores *posicionam-se*, em relação à identidade, como mais centrais ou mais periféricos.

A base empírica deste artigo foi constituída a partir de dados de pesquisa, que contou com uma amostra composta por quinze professoras que atuam na educação infantil. Como procedimento de coleta de dados foi utilizado uma entrevista com um roteiro semi-estruturado. Como procedimento de análise dos dados a análise do conteúdo das respostas dos sujeitos.

Esse artigo representa uma faceta dos dados coletados por meio da investigação realizada. Os dados coletados foram organizados em blocos, a saber: I – Compreensão dos professores da educação infantil sobre a dimensão dos valores morais; II - Como se ensina os conteúdos morais na escola; III - Como os professores aprenderam os valores morais; IV - Como os professores procederiam diante de uma situação problema proposta, evidenciando uma cena do cotidiano escolar. Nesse artigo, nos deteremos a analisar os dados correspondentes ao bloco IV.

A opção por profissionais que atuam nesse nível de ensino se deve, principalmente, por acreditarmos que estes profissionais assumem, nos anos iniciais de vida das crianças/alunos, papel importante na construção da dimensão da moral e dos valores. Além de se constituírem figuras de autoridade, referência na aplicação dessa dimensão.

VALORES MORAIS NA ESCOLA

Tendo em vista as novas demandas e exigências que emergem na sociedade atual torna-se indispensável trabalhar e valorizar uma educação voltada para a ética, uma educação moral que priorize realmente o desenvolvimento integral das crianças. Porém, ainda é possível observar diversas instituições de ensino que buscam e repassam exaustivamente conteúdos curriculares. Nesse sentido, nos afirma Puig (1998a, p. 16) que para se ter uma educação integral precisamos cuidar de todas as capacidades humanas dando mais atenção à

educação moral, sendo que a intervenção escolar não se restrinja apenas as aquisições intelectuais.

Conforme Cória-Sabini (2005, p.08) existe uma grande preocupação com o tema dos valores morais, pois o que se percebe é que grande parte dos valores perderam o sentido e por isso ocupam muitas das discussões dos pais, professores e dos demais adultos engajados principalmente no processo de ensino. Tanto os jovens quanto os adultos estão incertos e inseguros quanto às normas que devem seguir, sustentar e considerar tendo em vista que a escola é um importante espaço de formação. Segundo a autora “[...] enfatizamos a moral e suas manifestações na prática docente como uma possibilidade de transformação dessa situação caótica. Acreditamos, também, que não existe educação sem os valores inerentes ao desenvolvimento moral.” (CÓRIA-SABINI, 2005, p. 09)

Considerando que a educação moral se constrói nas vivências, nas relações entre as pessoas, torna-se imprescindível a discussão dessa temática no contexto escolar. A ética e os valores devem ser continuamente trabalhados e reforçados dentro do contexto educacional para que realmente se priorize o desenvolvimento integral dos alunos e a construção de cidadãos conhecedores de seus direitos e deveres. Afinal de contas, a educação moral auxilia os alunos a terem um melhor relacionamento interpessoal, tornando-os também pessoas mais autônomas.

Sendo assim, “as atividades de educação moral deviam ser sistemáticas. Nem as metodologias específicas, nem seu estabelecimento transversal podem recair em atividades ocasionais e talvez desordenadas, mas sim devem estar regulados e orientados por uma proposta curricular específica.” (PUIG, 1998a, p. 30)

Voltamos aqui a afirmar que a proposta de uma educação voltada para a ética e para os valores deve estar presente durante o decorrer do ano letivo dentro das salas de aulas. Os trabalhos e atividades desenvolvidos, mesmo que

de maneira transversal, devem estar envoltas de posturas, comportamentos e atitudes que incentivem o desenvolvimento de tais aspectos. Além disso, conforme nos afirma Puig (1998a, p. 33) deve-se ter uma especial atenção quanto aos recursos metodológicos, pois estes devem estar baseados em finalidades educativas, aos conteúdos curriculares que irão ser trabalhados e aos princípios que orientam sua prática para que desta forma realmente se chegue aos objetivos traçados.

Em escolas em que predomina o ensino verbal e a autoridade do professor é bastante acentuada, o desenvolvimento da autonomia será mais lento e difícil. O aluno somente alcançará algum êxito em atividades não relacionadas às tarefas escolares, tais como esportes, administração de material e atividades extracurriculares. Por sua vez, os métodos que se baseiam em pesquisas, atividades espontâneas e diálogos entre professor e aluno favorecem a autonomia intelectual que leva ao desenvolvimento da autonomia moral. (CÓRIA-SABINI, 2005, p. 33).

Segundo Puig (1998a, p. 117-118) “o melhor modo de desenvolver simultaneamente a sensibilidade, o juízo e a conduta moral é aproximando-se pessoalmente das situações reais nas quais se vivencia uma problemática moralmente relevante. Ver a realidade de perto é o melhor modo de entendê-la e de sentir-se tocado por ela.” Assim, reafirmamos que a conduta do professor deve estar baseada em comportamentos morais direcionados pela ética. Afinal de contas, sua finalidade é possibilitar a reflexão e a discussão sobre valores humanos para conduzir a um maior carinho e respeito por si mesmo, pelo outro e pelo que o rodeia (CÓRIA-SABINI, 2005, p. 57).

CONDUTA DOS PROFESSORES

Dentro desta perspectiva queremos detalhar algumas atitudes e valores profissionais que Puig (1998a, p. 199) enfatiza como sendo essenciais para um bom profissional, e que acreditamos sejam coerentes com os objetivos de uma

educação voltada para a moral. Não queremos esboçar aqui um modelo perfeito e acabado de educador, apenas mostrar um leque de comportamentos que podem proporcionar melhores resultados diante da formação integral dos alunos. Afinal de contas

A autonomia e a liberdade deveriam ser os objetivos da prática educativa. Se a aula fosse transformada em palco de discursos e práticas direcionadas para esse fim, onde as inteligências fossem somadas, onde cada professor aprendesse a ter amor por aquilo que realiza e estimulasse as capacidades e as inteligências dos alunos, haveria a transformação tão sonhada por todos. (CÓRIA-SABINI, 2005, p. 54).

Segundo La Taille (2006, p. 107) nós devemos privilegiar no querer fazer moral a progressiva construção do auto-respeito. Sendo assim faz-se necessário a presença de alguns sentimentos na relação professor-aluno que “correspondem, portanto, ao “cimento” afetivo que une a criança às pessoas de seu entorno social, cimento sem o qual ficaria difícil conceber o despertar do senso moral.” (LA TAILLE, 2006, p. 108)

Uma atitude que acreditamos essencial diz respeito à *compreensão empática* e o *respeito positivo incondicional* os quais proporcionam uma “relação respeitosa e compreensiva, já que é esta relação a que permite aos alunos manifestar-se com espontaneidade e naturalidade, sem necessidade de manipular a própria identidade para ‘ganhar’ a aceitação e o apreço do professor.” (PUIG, 1998a, p. 195) Tal conduta ajudará os alunos a manifestarem-se além de compreender e valorizar a opinião de seus colegas. Pois o que se observa, comumente, no contexto escolar, é que “presta-se muito mais atenção às diferenças do que à pessoa do outro.” (CORTELLA; LA TAILLE, 2006, p. 27). Desta forma é preciso buscar o “equilíbrio entre a autoridade do mestre e a liberdade dos alunos. Qualquer que seja a combinação, o fator principal é o respeito ao aluno (CÓRIA-SABINI, 2005, p. 33).

Em consonância com esta perspectiva Cortella e La Taille (2006, p. 31), nos recordam o quanto é importante “olhar o outro como outro e não como estranho” isto é, precisamos acolher o outro na condição de alguém como eu, sendo necessário trabalhar nessa perspectiva visando formarmos uma comunidade onde existam objetivos comuns e mecanismos de proteção mútua.

Outro aspecto importante articulado as atitudes e valores do profissional que atua na escola se refere a *autenticidade* do educador, pois o aluno percebe quando o professor está agindo ‘como se’, portanto deve-se haver “coerência entre o que sente e o que expressa, entre o que pensa e o que comunica.” (PUIG, 1998a, p. 196) Nesse mesmo sentido, “o heterônimo [os alunos de educação infantil] precisa incessantemente de provas de que a moral é, de fato, respeitada por outrem, para que ele mesmo possa dobrar-se à suas exigências.” (LA TAILLE, 2006, p. 112) Além disso, se deve ter uma *concepção positiva da pessoa e das relações humanas*. Sendo assim, o professor não deve decidir pelo aluno, muito menos, determinar aquilo que ele considera certo ou errado, mas conforme exposto por Puig (1998a, p. 198) “a ajuda do professor irá centrar-se, pois, em favorecer ou criar as condições adequadas para que o educando possa restabelecer suas próprias potencialidades”.

Ainda é importante destacar a *maturidade emocional* que o professor deve ter. Segundo Puig (1998, p. 198-199) é comum tentar “transmitir para o outro aqueles modelos, métodos, valores e maneira de pensar que a ajudaram em sua vida”, porém “omite a diversidade e a pluralidade de pontos de vista, sentimentos e experiência, tendendo a apresentar o mundo a partir de um ponto de vista muito pessoal”. Desta forma “o professor, em seu papel de educador, deve estar preparado para manter-se sereno e ponderado diante dessas oscilações inevitáveis nas atitudes de seus alunos.”

Desta forma, conforme o que nos aponta Cória-Sabini (2005, p. 45-46) “afetividade, compreensão e confiança são palavras-chave para a conquista do saber”, ou seja, é preciso que o professor articule a emoção com o conhecimento

para que haja um aprendizado significativo, afinal de contas “um pequeno auxílio dado no momento exato poderá fazer com que a criança possa recuperar-se.”

Conforme o exposto por La Taille (2006, p. 109-113) a criança está atenta para a integridade das figuras de autoridade, observando se as regras impostas são seguidas pelos adultos; se sentido enganada e injustiçada caso obriguem-na a segui-las. Afinal de contas, a criança desenvolveu respeito pelas figuras que lhe apresentam tais regras porque elas lhe inspiram um misto de sentimentos de amor e medo, na medida em que sente admiração e apego por eles e, da mesma forma, quando teme perder a proteção que lhes oferecem, além de sentir-se fraca e ter experimentado punições desagradáveis.

É preciso que mais professores se proponham a adotar uma atitude de Educação em Valores nas suas práticas, de forma sistemática e principalmente amorosa, pois a prática docente impregnada de afetividade pode ser um elemento de transformação do caos que se tornou o cotidiano da humanidade (CÓRIA-SABINI, 2005, p. 94).

PERFIL DO PROFESSOR

No cotidiano da escola, o professor ocupa papel essencial. Segundo Trevisol (2009) o professor é considerado o alicerce na vida do aluno, o orientador, o amigo, o modelo. A forma como o professor age e pensa é tida como exemplo, como algo a ser seguido. Os professores são responsáveis por orientar, por mediar e por auxiliar no processo de construção de valores. Os professores são interlocutores da educação moral, logo, boa parte da responsabilidade no êxito ou no fracasso desse processo reside no modo como o educador o realiza.

Independente do tamanho e decoração (medidas e mobílias) do espaço da sala de aula, um aspecto importante a ser salientado, nesse contexto, se refere a sua organização, a possibilidade das crianças/alunos se relacionarem ou não, bem como, o grau de intensidade com que estas se relacionam. Partimos do pressuposto que na sala de aula, o profissional responsável por “pensar”

estes espaços é o professor. Logo, um “retrato” do ambiente terá como premissa básica, o perfil do professor enquanto “educador moral” (FOPPA, 2010).

De Vries; Zan (1998) apresentam três possíveis perfis de professores, aos quais denominaram: *sargento/instrutora*; *gerente e mentora*; que conduzem, respectivamente três tipos de sala de aula: um campo de treinamento/recrutas; uma fábrica e uma comunidade.

Nas *salas de aula* organizadas em *forma de comunidade*, tendo o profissional que a atende o *perfil de o monitor, o mentor*. Sua função é de idealizador e condutor das atividades. Com relação a *sala de aula* organizada em *forma de campo de treinamento/recrutas*, o *perfil* assumido pelo profissional que atende essa sala é o de *Sargento-instrutor*. No que se refere à *sala de aula* organizada como uma *fábrica*, o *perfil* do professor que a atende é caracterizado como *Gerente*. Além desses dois tipos de perfis, as autoras apresentam o *perfil* de professor *monitor/mentor* e de organização de sala de aula como *comunidade*.

Nesse contexto, pode-se dizer que a *Sargenta-Instrutora* exerce o maior poder sobre as crianças, seguida pela *Gerente e pela Mentora*. No entanto, embora a mentora exerça o menor poder, ela é altamente influente, já que encoraja um processo recíproco de dar e receber, nas discussões, mediações de conflitos e decisões do grupo. O ambiente sócio-moral pode também ser visto em termos de diferenças nas atividades das crianças e na carga afetiva. A maior atividade dos alunos e a carga de afeto mais positivo ocorrem no modelo de sala comunidade, após, no modelo Fábrica e, por último, no campo de treinamento/recrutas.

PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL DISCUTINDO CENAS DO COTIDIANO ESCOLAR

Como mencionamos, anteriormente, os dados que serão apresentados representam uma faceta dos dados coletados por meio de uma investigação

que teve como amostra professores que atuam na educação infantil. Durante a entrevista realizada com esses profissionais foram apresentados blocos de questões e, para finalizar a entrevista, uma situação-problema.

O cenário dessa situação-problema é o contexto da sala de aula, um conjunto de alunos que possuem, em média 5 anos, e um personagem chamado Marcos. È tempo de Copa do Mundo e as crianças estavam ansiosas pelos jogos da seleção brasileira. Marcos traz para a sala de aula um álbum de figurinhas com os jogadores e as seleções que participarão da competição. No início da aula mostra para a professora e seus colegas as figurinhas que já colecionou. Depois de uma animada conversa sobre esse assunto, Marcos guarda seu álbum em sua mochila. A professora inicia a hora da conversa e justifica a escolha da estória do dia, referindo-se as competições da copa. Ela faz menção ao respeito que é essencial para qualquer competição. Quando estava contando a estória, a professora observa que Juquinha se levanta do lugar e apanha o álbum na mochila de seu colega e o esconde embaixo de uma prateleira com outros livros. Depois de contada a estória, perguntamos as professoras: O que você faria diante dessa situação? Como agiria? De que forma? Detalhe seus procedimentos em relação ao episódio ocorrido.

As professoras se posicionaram de diferentes formas e buscamos identificar, em suas respostas, como agiriam, sua postura e o perfil assumido enquanto profissional. Nesse sentido, utilizamos como referência os três estilos de organização das salas de aula e os correspondentes perfis dos profissionais descritos por De Vries e Zan (1998), ou seja, “campo de treinamento/recrutamento – perfil: sargento/instrutor”; “Fábrica – perfil: gerente”; e “Comunidade – perfil: monitor/mentor”. No Quadro 01, sistematizamos os dados coletados, principalmente, no que se refere à postura, ao encaminhamento que as professoras da Educação Infantil pesquisadas adotariam diante da situação-problema explicitada:

Campo de Treinamento	Fábrica	Comunidade
a) diria que a atitude que a criança teve é errada; b) faria a criança pedir desculpas ao colega; c) faria a criança devolver o álbum;	a) não iria expor a criança ao grupo; b) conversaria com ela indicando que aquilo que ela fez é errado; c) mostraria que não devemos pegar as coisas dos outros;	a) não iria expor a criança ao grupo; b) orientaria a criança a respeito de sua conduta; c) tentaria entender porque a criança teve tal atitude; ajudaria a pensar no como deveria agir (processo reflexivo)
02 sujeitos	08 sujeitos	05 sujeitos

Quadro 01: Sistematização dos dados - Postura dos professores diante da situação-problema apresentada.

Fonte: Dados da pesquisa

Evidenciamos no encaminhamento explicitado por dois profissionais uma organização de sala de aula similar ao Campo de Treinamento e um perfil sargento/instrutor. Diante as situação apresentada reprenderiam a criança por sua atitude e a corrigiriam, fazendo-a desculpar-se com seu colega. Adotariam um discurso onde prevalece à obrigação em cumprir as normas da classe, impondo o que consideram certo e o que é errado. Para exemplificar trouxemos a resposta de uma de uma das professoras pesquisadas:

Eu faria ele devolver, devolver e até dizer para ele que ele nunca mais ia pegar as coisas dos outros, pedir desculpa, em primeiro lugar pedir desculpa, como eles são crianças ia fazer eles se abraçar, e ele pedir desculpa para o coleguinha e o outro dizer que ele estava desculpado e que ele nunca mais fosse fazer isso. Porque acho o primeiro passo é fazer com que devolvam e se desculpar, pedir desculpa e desculpar. (p.7).

Identificamos nas respostas de oito profissionais que elas chamariam a criança em particular para conversar. Essa postura é coerente na referida situação, pois preserva a criança e mantém uma relação de respeito com ela, ao mesmo tempo afetividade, possibilitando através da conversa, a qual a maioria dos profissionais se propôs, resultados e efeitos mais significativos. Contudo, esses profissionais pautariam essa conversa com a criança/aluno enfatizando o

dever, dizendo que aquilo é errado e que não deveria mais fazer, isto é, impondo o que é certo e errado. A essa forma de organização da sala caracterizamos como Fábrica e o perfil do professor como gerente. Exemplificamos essa posição com a resposta de P1:

Na minha opinião, diante desta situação, iria conversar primeiramente em particular com essa criança explicando para que o que ela tinha acabado de fazer não era correto e o melhor que ela tinha a fazer naquele momento era devolver o álbum para seu colega, mas isso sem que a turma percebesse, para não constrangê-lo e humilhá-lo perante seus colegas. E, um segundo momento, iria aproveitar a oportunidade para conversar com a turma que nunca em nossa vida devemos mexer nas coisas dos colegas, pois isso não era legal, aproveitando ainda para enfatizar outros valores importantes para nós no nosso convívio social.

Consideramos que a atitude tomada pela professora favorece a manutenção de uma moral heterônoma. Importante destacar que para Piaget (1994, p. 34) a moral heterônoma é aquela vista como uma lei exterior e sagrada imposta pelos adultos. É importante ressaltar, que mesmo que nessa faixa de idade, as crianças necessitam das orientações, dos modelos sociais e da indicação de comportamentos para orientar suas condutas. Nesse sentido, compreendemos que é fundamental criar as oportunidades para a criança não somente ter conhecimento da regra, inclusive reproduzi-la de forma não consciente, mas refletir sobre o conteúdo da regra e sobre as implicações de seus atos.

Evidenciamos nas repostas de cinco professoras elementos que se aproximam de uma organização de sala de aula comunidade e de um perfil monitor. Enfatizaram que chamariam a criança em particular e conversaria com ela, buscariam tentar entender os motivos que levaram a criança a tomar tal atitude e buscariam após essa compreensão orientá-la. Adotando essa postura estariam colaborando para construção de uma moral autônoma. Consideramos fundamental “criar oportunidades” para as crianças “[...] construírem a si mesmas, de maneira gradual, até formarem personalidades com autoconfiança,

respeito por si mesmas e pelos outros e mentes ativas, inquisitivas e criativas” (DE VRIES; ZAN, 1998, p. 36).

Podemos ilustrar o exposto por meio do encaminhamento

Então na situação que ela estava falando ali de competição ela deveria terminar até porque um jogo é uma questão competitiva, porque ela tem que contar que quando a gente joga é uma situação de vida, porque sempre tem quem perde e quem ganha, que a gente tem que aprender que não é fácil perder e também a criança não vai entender com 5 anos, mas ela já vai começar a escutar as argumentações a respeito da competitividade. Por isso ela deveria terminar a sua aula mais tarde, não deixar passar em branco, mais tarde ela poderia conversar com a criança e pedir porque que ela tinha pego a revista e porque ela tinha colocado ali e escutar a versão da criança e a partir da versão da criança ela poderia dar o encaminhamento de conversa, de reflexão, não tentando se isolar desse fato, e não deve se tomar nenhuma medida drástica. (p.4).

O modelos de sala de aula comunidade e o perfil de professor monitor, definido como orientador, companheiro, que organiza um programa de atividade visando estimular o raciocínio das crianças e oferecer-lhes um ambiente favorável no qual possam explorar e experimentar, cometer erros inevitáveis no raciocínio e inventar novas formas de raciocinar, participar das decisões do grupo e da construção das regras seria um perfil oportuno no cotidiano da sala de aula. De acordo com De Vries; Zan, (1998) esta postura de professor é ideal quando se prima pelo desenvolvimento moral dos educandos, afinal, a sala de aula moral, deve ser organizada para satisfazer necessidades físicas, emocionais e intelectuais das crianças. Deve ser organizada também para a interação entre colegas e para o exercício da responsabilidade infantil, com atividades que atraem o interesse, a experimentação e a cooperação entre as crianças.

Segundo Kamii; Kato (2005, p. 19) o trabalho pedagógico deve favorecer o desenvolvimento da moralidade da autonomia, em que cada um decide entre o certo e o errado ao refletir sobre aspectos relevantes que estão em foco, independentemente de recompensa ou castigo. Não é suficiente

comportar-se bem para simplesmente obedecer às regras ou às pessoas que representam o poder. O mais importante é que as crianças tornem-se capazes de fazer seus próprios julgamentos sobre o que é certo ou errado. Elas são naturalmente egocêntricas e há limites no pensar na multiplicidade de variáveis que envolvem determinada situação. Ao serem encorajadas a trocar pontos de vista com outras pessoas a fim de tomar decisões, elas aprendem a julgar a partir de seu íntimo os efeitos de suas decisões sobre si mesmas e sobre os outros.

Assim, deve se constituir uma preocupação pedagógica a organização de procedimentos metodológicos que possibilitem no aluno *processos de reflexão* sobre temas do cotidiano, sobre o tema valores e outros temas morais. Acreditamos que toda a atividade pedagógica que mobilize o aluno para processos de reflexão (flexão sobre si mesmo) e descentração (colocar-se na perspectiva do outro), o pensar sobre, a construção de argumentos, contra-argumentos, até alcançar (sempre que possível) o consenso sobre determinados focos, são essenciais para ativar a dimensão cognitiva e afetiva do aluno; ao contrário de metodologias que somente se baseiam na reprodução, na realização de tarefas que não são significativas para o aluno, que o mesmo as executa por obrigação e não por interesse, envolvimento com o tema a ser discutido/aprendido (TREVISOL, 2002).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os professores pesquisados reconhecem que a escola e conseqüentemente eles mesmos, desempenham um papel importante na formação, na construção dos valores morais dos alunos. Enfatizaram que este trabalho deve iniciar-se na família, pois é com esta que ocorre a socialização da criança, o elo de ligação desta com o mundo. E posteriormente, surgem então às relações com a escola, a sociedade, outros grupos; essas interações vão refinando os valores da criança. Sendo assim, mesmo que alguns dos professores

frisaram que a formação de valores não seja um compromisso da escola, ou só da escola, todos afirmam que é fundamental a participação ativa da escola nessa construção, afinal de contas conforme contido na LDB é dever da escola a formação integral de seus alunos e essa construção deve se iniciar na educação infantil.

O conteúdo dos valores morais deve ser trabalhado de maneira contínua e no cotidiano da escola, pois todas as atitudes adotadas pelo professor serão observadas e avaliadas, principalmente, pelas crianças pequenas, visto que estas estão na fase denominada por Piaget de heteronomia. Nesse sentido, constituir-se/ ser revestido pelo aluno como figura de autoridade e confiança é meta primeira do professor na educação infantil.

É possível realizar um trabalho pedagógico visando desenvolver a autonomia dos alunos, torná-los mais críticos, criativos e auto-reguladores. Para tanto é fundamental que o professor adote posturas pautadas no respeito devendo ainda ser compreensivo, autêntico e maduro para aceitar as escolhas realizadas pelos alunos.

Identificamos nos dados coletados que nem todos os professores estão preparados para trabalhar com as variadas e inusitadas situações que lhe são apresentadas no cotidiano. Não pretendemos traçar um modelo de professor ideal que abarque inumeráveis qualidades, mas enfatizar como certas atitudes tomadas pelos professores e que estão, continuamente, sendo analisadas e julgadas pelos alunos, facilitam a construção de crianças mais autônomas, colaborando no processo de construção de valores morais e éticos. Sendo assim, não nos propomos a detalhar o melhor método para o professor agir e conduzir suas aulas, entretanto é oportuno refletir sobre as formas de agir, os encaminhamentos que comumente são utilizados, e diante dessa análise, construir possíveis caminhos para que se busque desenvolver a criança integralmente, conforme consta na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Reiterando, contudo, que não se esgota na escola a tarefa de desenvolver a criança de modo integral. Esta tarefa vai, além desse lugar, cabe a sociedade, ou seja, a

todos nós a tarefa de criarmos condições para que as crianças se desenvolvam dentro de valores universalmente desejáveis.

O compromisso da escola de educar a criança de maneira integral não deve ficar apenas no papel, mas para que esse compromisso seja efetivado é essencial que esse esforço seja priorizado na prática dentro e fora da escola, principalmente com a conquista das parcerias com a família. Além disso, tomar consciência de que os valores são transversais, e devem ser ensinados e vivenciados cotidianamente.

E sobre esse aspecto, em particular, é importante destacar que na primeira fase da infância, a construção dos valores está pautada nas vivências que a criança realiza, no contato que estabelece com o seu entorno, com as pessoas que compõem o mesmo, com o conhecimento e compreensão das regras. Sua estrutura cognitiva ainda não lhe possibilita construir e compreender muitas das regras que lhe são apresentadas. Novamente, enfatizamos a presença de um adulto, no caso do contexto escolar, o professor, responsável por orientar, por mediar e por auxiliar no processo de construção de valores.

Sabemos que não há receitas prontas e totalmente eficientes de como educar moralmente. Entretanto, à medida que nos autorizamos, enquanto professores a planejar, intervir e avaliar as atividades desenvolvidas, construindo nossa prática por meio do conhecimento e reflexão do que fizemos, maiores são as condições de alcançarmos êxito em nossas tentativas. Além disso, a ação educadora não pode deixar de ter como base princípios morais e éticos indispensáveis no trabalho com seus educandos, no sentido de ajudá-los a compreender o seu entorno e a posicionar-se diante dele a partir do questionamento: Como agir e como viver bem consigo mesmo e com os outros?

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, U. F. & AQUINO, J. G. **Os direitos humanos na sala de aula: a ética como tema transversal.** São Paulo: Moderna, 2001.

ARAÚJO, U. F.; PUIG, J. M. **Educação e valores**. São Paulo: Summus, 2007. 164 p.

CORIA-SABINI, M. A.; OLIVEIRA, V. K. de. **Construindo valores humanos na escola**. 2. ed. São Paulo: Papirus, 2005. 96 p.

CORTELLA, M. S.; LA TAILLE, Y. de. **Nos Labirintos da Moral**. 3. ed. São Paulo: Papirus, 2006. 112 p.

DELVAL, J. Alguns comentários sobre a educação moral. **Pátio: Revista Pedagógica – Educação Infantil**. São Paulo: ano II, nº 5, Artmend, p. 18 – 22, maio/julho 1998.

DE VRIES, R.; ZAN, B. **A ética na educação infantil: o ambiente sócio-moral na escola**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

FOPPA, H. V. R. **A construção de valores na escola: uma experiência com alunos da educação infantil**. Dissertação de mestrado. Joaçaba/UNOESC, 2010.

KAMII, C.; KATO, Y. Bom comportamento não é suficiente. **Pátio: Educação Infantil – Educação em valores na primeira infância**. São Paulo: ano III, nº 7, Artmend, p. 16 – 19, março/junho 2005.

LA TAILLE, Y.de. **Dimensões Intelectuais e Afetivas**. Porto Alegre: Artmed, 2006. 189 p.

_____. O despertar do senso moral. **Pátio: Educação Infantil – Educação em valores na primeira infância**. São Paulo: ano III, nº 7, Artmend, p. 06 – 09, março/junho 2005.

MARTIN, M. D. M. B. Educação, infância e valores. **Pátio: Educação Infantil – Educação em valores na primeira infância**. São Paulo: ano III, nº 7, Artmend, p. 10 – 12, março/junho 2005.

PUIG, J. **A construção da personalidade moral**. São Paulo: Ática, 1998a.

TREVISOL, M. T. C. Tecendo os sentidos atribuídos por professores do ensino fundamental ao médio profissionalizante sobre a construção de valores na escola. In.: LA TAILLE, Y.; MENIN, M. S. De Stefano (Org.) **Crise de valores ou Valores em Crise**. Poa: Artmed, 2009.

_____. **A construção do conhecimento social:** um estudo dos modelos organizadores do pensamento em sujeitos entre 8 e 14 anos. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo/Instituto de Psicologia, 2002.

TREVISOL, M. T. C.; TOIGO, L. C. Os valores morais na escola: cartografando a compreensão dos professores da educação infantil. **Relatório de Pesquisa.** Joaçaba (SC):UNOESC, mar./2009. (mimeo)